

A Concordância Verbal com o Pronome nós no Sertão Alagoano

Verbal Agreement with the Pronoun “We” in Sertão Alagoano

José Anilton Alves da Silva¹

Universidade Federal de Alagoas

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória²

Universidade Federal de Alagoas

Resumo: Nesta pesquisa, realizamos um mapeamento das ocorrências de concordância verbal (doravante CV) estabelecida com o pronome *nós* no sertão de Alagoas, a partir de uma análise sociolinguística, com o intuito de analisar se há a variação deste fenômeno na fala dos sertanejos alagoanos. Além disso, pretendemos verificar quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que interferem nesse processo de variação. Para tanto, tomamos por base o arcabouço teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008). Para cumprir com o objetivo proposto para esta pesquisa, utilizamos como *corpus* a amostra do projeto Lusa (A língua usada no sertão), e para a análise estatística dos dados, recorremos ao programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Guiados pelo modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, os resultados do presente estudo evidenciaram que há a variação na concordância verbal com o pronome nós, bem como essa variação é motivada principalmente pelas variáveis escolaridade, saliência fônica e explicitude do sujeito.

Palavras-chave: Sociolinguística; Concordância Verbal; Pronome *nós*; Variação *nós* + *IPP/nós* + *3PS*

Abstract: In this research, we carried out a mapping of the occurrences of verbal agreement (hereinafter VA) established with the pronoun “we” in the Alagoas hinterland, from a sociolinguistic analysis, in order to analyze if there is a variation of this phenomenon in the speech of the Alagoan sertanejos. In addition, we intend to verify which linguistic and extralinguistic factors interfere in this process of variation. For that, we take as base the theoretical-methodological framework of Variation Theory of Variation and Linguistic or Sociolinguistic Variation (LABOV, 2008). To fulfill the proposed objective of this research, we used as a corpus the sample of the Lusa project (The language used in the backlands), and for the statistical analysis of the data, we used the computer program Gold Varb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Guided by the theoretical-methodological model of Variationist Sociolinguistics, the results of the present study showed that there is a variation in verbal agreement with the pronoun “we”, as well as this variation is mainly due to the variables education, phonic salience and subject's clarity.

¹ Graduado em Letras pela UFAL/ *Campus* do Sertão e mestrando em Linguística pelo PPGLL da UFAL. E-mail: alves.anilton@gmail.com

² Doutora em Linguística e Professora de Língua Portuguesa e Linguística do curso de Letras da UFAL/*Campus* Arapiraca.

Keywords: Sociolinguistics; Verbal Agreement; Pronoun us; Variation we + 1PP/ us + 3SP.

Submetido em 07/12/2019.

Aprovado em 24/03/2020.

Introdução

A Gramática Tradicional Normativa (doravante, GTN) vem ao longo do tempo servindo de base para o ensino de Língua Portuguesa. Um de seus objetivos é o de preservar a língua, considerando-a homogênea, bem como o de apontar normas para a utilização correta do português, isto é, ensinar a falar e a escrever de forma correta a língua-padrão, no entanto há nas GTN algumas questões problemáticas, dentre elas o fato de caracterizarem a concordância verbal como regra categórica. Desse modo, para a GTN, enunciados como “Nós vamos passear” é aceitável e correto, enquanto que outros como “Nós vai/vamo passear” é errado, feio, não está de acordo com a língua, assim, a tradição gramatical não aceita as variações presentes no sistema.

No entanto, embora as gramáticas normativas ainda considerem a concordância verbal como uma regra categórica, estudos sociolinguísticos mostram que, nas variedades do português brasileiro, há um comportamento variável na aplicação desta regra, assim, é neste contexto teórico que a nossa pesquisa se insere.

Amparados pelos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, acreditamos que a relevância desta pesquisa contribui para os estudos em variação linguística, pois são poucos os trabalhos realizados no Brasil que tratam especificamente deste fenômeno, bem como pelo fato de que descrevemos o comportamento variável da concordância verbal com a primeira pessoa do plural (doravante P4) na comunidade de fala do sertão de Alagoas, uma vez que este é o primeiro trabalho realizado a respeito deste fenômeno nesta comunidade de fala, de modo que pode contribuir ainda para o combate ao preconceito linguístico, pelo fato de mostrar que nada na língua acontece por acaso, mas sim condicionado por fatores internos e externos.

Sendo assim, focalizamos, neste trabalho, a concordância verbal estabelecida com o pronome nós, como em *nós vamos* e *nós vai*. Para isso, tomamos como objetivo geral analisar a concordância verbal com o pronome nós, o que nos possibilitará mostrar se há variação *nós + 1PP* e *nós + 3PS* no sertão alagoano. Desse modo, elaboramos algumas

perguntas norteadoras, como: há variação *nós + 1PP* e *nós + 3PS* no sertão alagoano? Supondo a existência da variação, qual a interferência dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos nesse processo variável? Estamos diante de uma variação estável ou mudança em curso?

Como respostas provisórias às questões formuladas, hipotetizamos que sendo a língua um sistema inerentemente variável, acreditamos que há variação na concordância verbal com a forma pronominal *nós*. Acreditamos, ainda, que pelo fato da variação linguística ser ordenada, as realizações de *nós + 1PP* e *nós + 3PS* são condicionadas por restrições linguísticas e sociais. E, por fim, tendo em vista que *nós + 1PP* é a forma selecionada na norma culta e o fenômeno da concordância tende a apresentar estigma social nas variedades brasileiras, acreditamos que estamos diante de uma variação estável.

A fim de confirmar ou refutar as hipóteses propostas, apresentamos também os objetivos específicos que nortearam nossa pesquisa: analisar se há variação na concordância verbal com o pronome *nós* na comunidade de fala do sertão alagoano; verificar se as variáveis explicitude do sujeito, saliência fônica, marca morfêmica, escolaridade, sexo/gênero e faixa etária interferem nessa variação; e refletir se estamos diante de um processo de variação estável ou mudança em curso.

1. Concordância Verbal com P4: o que dizem as gramáticas normativas, descritivas e os estudos sociolinguísticos?

Como já mencionado, a tradição gramatical sempre foi à base para o ensino de língua portuguesa. Nesta perspectiva, Bechara (2010), em sua *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, nos mostra que a gramática normativa não é uma disciplina científica, mas escolar, dessa forma, tem como objetivo prescrever como se deve falar e escrever de forma correta, tendo como base escritores consagrados, gramáticos, etc.

Ao analisarmos as GTN de Almeida (2009), Bechara (2010), Cegalla (2008) e Rocha Lima (2011), verificamos que tratam da mesma maneira a CV e trazem enraizada em seus compêndios a regra de que na concordância verbal “o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa”, e os casos que fogem desta regra são nomeados de casos específicos de concordância. Dessa forma, não trazem nem uma abordagem que leve em consideração fatos de fala do português brasileiro, fazendo, segundo Perini (2010), com

que essas gramáticas sejam vistas “como um pacote pronto e uma descrição completa da estrutura da língua” (p. 22), porém, a língua é mais complexa que isso.

Ao postular a CV enquanto regra categórica, as GTN acabam negligenciando diversos fenômenos que acontecem nos usos diários da língua, bem como a própria regra não se sustenta, uma vez que inúmeros trabalhos sociolinguísticos têm demonstrado que, nas variedades do português, essa norma não se aplica e deve ser tomada como variável, pois, conforme Castilho (2010), a postulação de regras variáveis capta melhor o que acontece aqui, uma vez que existe uma complexidade de fatores linguísticos e sociais que condicionam a aplicação da regra de concordância.

Diferentemente das gramáticas normativas, as gramáticas descritivas não estão interessadas em estabelecer o certo e o errado da língua, mas, em descrever o sistema linguístico em todos os seus aspectos.

Assim, em *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, Bagno (2011) nos mostra que a CV é o fenômeno linguístico muito estigmatizado no português brasileiro, sendo o fenômeno que mais tem sido usado como instrumento sociocultural para separar as pessoas que falam “certo” das que falam “errado”. Para o linguista, a CV é redundante, uma vez que “há a duplicidade de marcação das categorias gramaticais de pessoa e número em dois elementos do mesmo sintagma” (p. 643), conforme observamos no quadro (1) abaixo:

Quadro 1: Representação do paradigma verbal presente nas GNs

Eu	Falo
Tu	Falas
Ela	Fala
Nós	Falamos
Vós	Falais
Elas	Falam

Fonte: Bagno (2011, p.643)

Considerar a CV como um fenômeno linguístico redundante significa, segundo o autor, que ela é dispensável, ou seja, pode ser descartada e isto se deve ao fato de estarmos diante do fenômeno da economia linguística que nos permite enunciados como “Eles

ainda não chegou” em que não há duplicidade de categorias gramaticais, no entanto nos permite entender que se trata de mais de uma pessoa.

Sobre a famosa regra geral de CV que vem estampada em gramáticas e compêndios escolares, isto é, “o verbo concorda com o sujeito”, Bagno (2011), que tem como base os estudos de Scherre (2005), argumenta que essa regra não se sustenta, pois “o verbo é quem projeta seus valores semânticos sobre os demais elementos da sintaxe para maior eficiência discursiva da sentença em que ele age como núcleo” (p. 647), logo é o sujeito que concorda com o verbo e não o contrário. Sobre o fenômeno da CV, Scherre (2005) argumenta que:

a concordância não é regida pelo núcleo do sujeito, mas por TRAÇOS, que podem aparecer em outras funções sintáticas, porém, como dentre os traços controladores da concordância o principal é o número e este concentra-se mais no núcleo do sujeito, isso acaba provocando a ilusão de que é o núcleo do sujeito que controla a concordância. (2005, apud BORTONI-RICARDO, 2014, p.83).

Para comprovar essa hipótese, a autora nos apresenta o seguinte exemplo, conforme (1):

- (1) 70% da população economicamente ativa de Roraima é constituída de funcionários federais. (Correio Braziliense, 11/1/1998, p.2, c. 3 apud Bagno, 2011).

Quando o sujeito é um número percentual, a concordância tende a ser feita com o núcleo do adjunto (Bagno, p. 649). Sobre os “casos especiais” de CV, Bagno (2010) afirma que são na verdade variáveis que por aparecerem em obras de grandes escritores consagrados e por já estarem gramatizadas e gramaticalizadas é que são transformadas em “regras especiais”, porém, usadas sob termos como silepse, sínese, concordância ideológica, etc.

Em relação a morfologia verbal, Bagno (2011) nos mostra que, em línguas que apresentam morfologia verbal abundante, o uso do índice de pessoa e não pessoa é restrito e leva ao apagamento do índice de sujeito, pelo fato da terminação verbal nos indicar as pessoas do discurso como, por exemplo, no “português clássico” que apresentava aspectos mais paradigmáticos, conforme apresentado no quadro (2):

Quadro 2: Representação do paradigma verbal do “português clássico”

Falo
Falas
Fala
Falamos
Falais
Falam

Fonte: Bagno (2011, p.645)

No entanto, com os diversos processos históricos de mudanças linguísticas, o paradigma de conjugação verbal foi sofrendo reduções em sua morfologia, de modo que é possível haver as seguintes combinações:

Figura 1: Representação da conjugação verbal no PB

Se alguém se dispusesse a fazer, hoje, por exemplo, uma *descrição* dos paradigmas de *conjugação verbal* do português brasileiro, poderia apresentar um quadro parecido com este:

	A	B	C	D	
eu	FALO	eu	FALO	eu	FALO
tu		tu / você		tu	FALAS
você		ele / ela	tu / você	você	
ele / ela		a gente	ele / ela	ele / ela	FALA
nós	FALA	nós	a gente	a gente	
a gente			nós	nós	FALAMOS
vocês		vocês	vocês	vocês	
eles / elas		eles / elas	eles / elas	eles / elas	FALAM

←-----→

Fonte: Bagno (2011, p.539)

Ao deixar de marcar a terminação verbal, os falantes passam a preencher o índice de sujeito. Assim, segundo Bagno (2011), o fator importante para mudança da conjugação verbal no PB foi a generalização do índice de pessoa *você* e a ampla substituição de *nós* por *a gente*, por exemplo, *você fala/ a gente fala* contribuindo assim para simplificação da morfologia verbal do PB tal qual podemos notar no quadro acima, fazendo com que deixasse de ser uma língua paradigmática para tornar-se sintagmática.

No que concerne aos estudos linguísticos, têm nos mostrado que a variação linguística é intrínseca às línguas, ou seja, está presente em todo sistema linguístico, não acontecendo de forma desordenada, mas de forma coerente e sistemática. Embora todas

as línguas apresentem a variação, existem algumas formas que são mais estigmatizadas pela sociedade como, por exemplo, o fenômeno da concordância.

No que diz respeito à realização da CV, são poucos os estudos que tratam especificamente da CV com a primeira pessoa do plural (P4), no entanto, os estudos sociolinguísticos já realizados nos mostram um comportamento variável na aplicação da regra de concordância de P4, de modo que pode ocorrer nós fala/ nós falamos. Esse comportamento varia de acordo com variáveis linguísticas e sociais que condicionam a aplicação.

Ao analisarem a concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS, utilizando dados de fala do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul), Zilles, Maya e Silva (2000) nos mostram que são os fatores: sílaba tônica, escolaridade, posição do sujeito em relação ao verbo e a comunidade que favorecem a omissão da desinência de P4.

Assim, os resultados apresentados pelos autores mostraram que a forma alvo proparoxítona (43%) favorece a omissão da desinência de P4, enquanto a forma paroxítota (2%) desfavorece. Quanto à posição do sujeito, os resultados apontam que a Posposição (80%) e a distância de mais de 3 sílabas (9%) levam ao apagamento do morfema padrão de P4 - mos, esses dados mostram que quanto mais distante o sujeito fica do verbo a tendência é ocorrer a omissão.

No que se refere à variável escolaridade, o estudo mostra que os falantes com nível primário (16%) favorecem a desinência zero. Em relação à variável comunidade, a omissão acontece com mais frequência em Panambi com (11%) por ser uma comunidade marcada pela influência alemã.

Antonino e Bandeira (2011), tomando como corpus informantes do município de Cinzento (comunidade afro-brasileira isolada) na Bahia, investigaram a concordância de P4 e obtiveram o seguinte resultado para a frequência de uso do morfema verbal:

Tabela 1: Frequência do morfema verbal de P4 em Cinzento

Desinência	Nº de oc./ TOTAL	Frequência
-mos, -mo, -emo	91/ 948	9,5%
Zero	857/948	90,5%

Fonte: Antonino e Bandeira (2011, p. 169).

Os autores consideram essa frequência como bastante reduzida, pois obtiveram somente 9,5% de realização do morfema, sendo que nesse total estão inseridos o morfema padrão *-mos* e seus alofones *-mo* e *-emo*, de modo que se for feito o desmembramento entre eles, obtém-se o seguinte resultado:

Tabela 2: Frequência de uso dos alomorfes verbais de P4 em Cinzento

Desinência	Nº de oc. / TOTAL	Frequência
-mos	08/948	0,8%
-mo	76/948	8%
-emo	07/948	0,7%
Zero	857/948	90,5%

Fonte: Antonino e Bandeira (2011, p.170).

Como podemos observar, a desinência padrão *-mos* não chega nem a 1%, sendo que dentre os alomorfes verbais o mais utilizado pela comunidade de Cinzento é apagamento do *-s* final que compõe o morfema *-mo*, apresentando um percentual de 8%.

Os autores mostram que as variáveis linguísticas que condicionam esse uso são: paralelismo discursivo e saliência fônica. Em relação à variável paralelismo, ou seja, em sentenças precedidas por *nós* + desinências *-mos*, *-mo*, *-emo* favorecem a concordância, enquanto que formas precedidas por *a gente* + verbo com desinência zero desfavorecem a concordância.

No que diz respeito à variável saliência fônica, isto é, quando há uma diferença acentuada entre as formas verbais, isso tende a manter a concordância, quando há uma menor distinção, ou seja, menos saliente favorece a não concordância, conforme o exemplo (2) e (3);

(2) Fez/fizemos e é/somos

(3) Ia/íamos e fala/falamos (ANTONINO E BANDEIRA, 2011, p.172)

Quanto às variáveis sociais, o sexo foi selecionado como a variável estatisticamente mais importante, apresentando o seguinte resultado:

Tabela 3:A concordância verbal com P4 em Cinzento segundo o sexo do falante

SEXO	Nº OC./TOTAL	Freq..	P.R.
------	--------------	--------	------

Homens	64/574	11%	.55
Mulheres	27/374	7%	.41
TOTAL	91/948	9,5%

Fonte: Antonino e Bandeira (2011, p. 173).

Os homens, segundo os autores, tendem mais a usar a concordância pelo fato dos mesmos se deslocarem para os centros urbanos em busca de trabalho, enquanto as mulheres por ficarem mais isoladas na comunidade e a vida rural tendem a não marcar a concordância.

2. Aporte Teórico-metodológico

Para a realização desta pesquisa, tomamos por base o arcabouço teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008), que concebe a língua enquanto sistema heterogêneo, mostrando que todas as línguas apresentam dinamismo e que a variação é inerente ao sistema linguístico. Defendendo, ainda, que a heterogeneidade é organizada e sistematizada, Labov (2008), propõe um novo olhar sobre a língua ao estabelecer relação entre língua e sociedade, defendendo, assim, a presença do componente social na análise linguística dos fenômenos variáveis.

Para o tratamento do fenômeno aqui mencionado, os dados analisados foram obtidos de entrevistas do banco de dados do projeto A Língua Usada no Sertão Alagoano (Lusa). A amostra está estratificada em três variáveis, a saber, sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (15-29 anos, 30-44 anos, acima de 44 anos) e escolaridade (analfabeto, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior), e compreende 96 entrevistas de informantes do sertão de Alagoas.

Para chegar ao entendimento da sistematicidade da variação linguística e dos eventuais processos de mudança linguística, a sociolinguística se vale também da estatística, para assim, “revelar tendências e correlações inerentes na massa de dados linguísticos, e validá-las, dentro de um determinado grau de certeza” (SCHERRE; NARO, 2010, p.176). Para tanto, utilizamos para fazer a quantificação dos dados coletados do corpus o programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que fornece os pesos relativos dos fatores nas variáveis em estudo e quais os grupos de fatores selecionados na pesquisa são mais favoráveis à realização da

concordância. Dessa forma, investigamos seis variáveis, a saber, explicitude do sujeito, saliência fônica, marca morfêmica, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, sendo estas, internas e externas à língua.

3. Análise dos resultados

3.1 Variável dependente

Em nossa pesquisa, determinamos a concordância verbal com a primeira pessoa do plural como a variável dependente, assim, consideramos a mesma uma regra variável binária, e selecionamos as seguintes variantes: *Nós + IPP e Nós + 3PS*, ou seja, realização do morfema de plural ou o apagamento total deste, conforme exemplificado em (4) e (5):

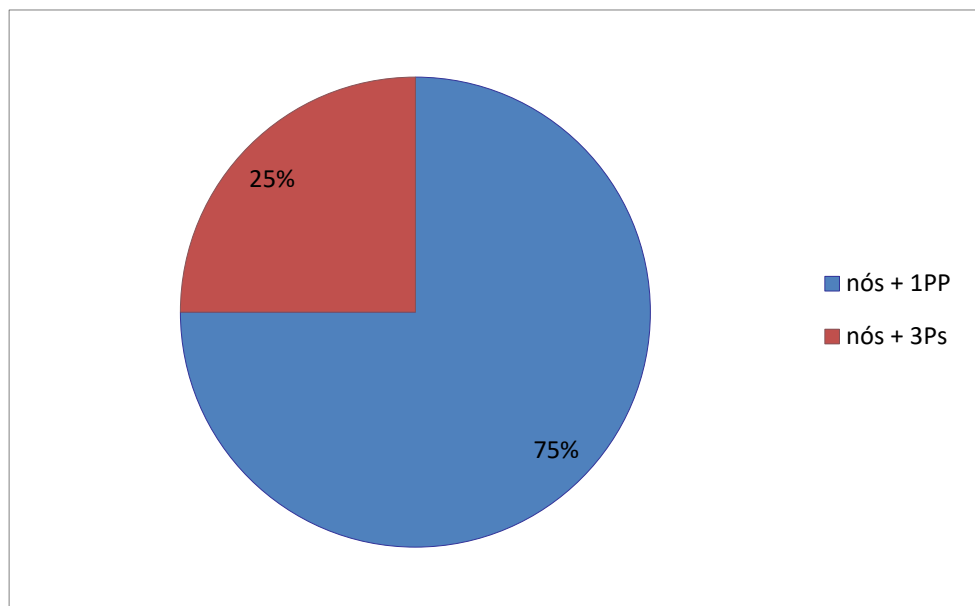
(4) – bem, a questão da onda de violência no nosso estado assim como em outros estados nós não podemos atribuí a questão do desemprego - porque a gente sabe muito bem qui tem muita gente empregada aí e anda fazendo violência - é: /mas, mais/ o qui falta mesmo é uma infraestrutura voltada para o esporte para o lazê em que consiga ocupá a menti das pessoas para qui eles não transforme essa sua menti porque nós sabemos qui menti parada é um verdadeiro é uma verdadeira oficina de criminalidade. L46.

(5) - Foi bom porque a gente conheceu a pra:ia que eu num conhecia, Recife também foi bom, gostei também de Recife, /mas, mais/, Maceió gostei mais, eu tive mais tempo de conhecê - eu achei bom que a gente foi em grupo e a gente se dividiu - aí fomo conhecê a pra:ia fomo nós foi pra Penedo também conhecê os museu de Pene:do eu gostei do meu passeio. L56.

Após a análise e rodada dos dados no programa computacional GoldVarb X, obtivemos um total de 196 realizações de concordância verbal, que estão distribuídas da seguinte forma: 147 realizações do pronome *nós + IPP* e 49 realizações de *nós + 3PS*.

Esses dados mostram que, na realização da concordância verbal, os falantes do sertão de Alagoas preferem a variante *nós + 1PP*, conforme se visualiza a seguir.

Gráfico 1: Percentual da concordância verbal com P4 no sertão alagoano



Fonte: elaborado pelo autor

A partir dos resultados acima, podemos perceber que, na fala dos sertanejos alagoanos, a aplicação da regra padrão de concordância verbal de P4 é mais frequente, predominando o uso do morfema padrão –mos, uma vez que este, apresenta frequência três vezes maior que a variante *nós + 3Ps*. Esses resultados, segundo Labov (2003), apresentam dados que definem a variação em estudo como uma regra variável, uma vez que apresentam frequência entre 5-95%.

Considerando que a concordância verbal com P4 pode ocorrer ainda com os alomorfes –mo, -emo e -imo, como observado em (6), (7) e (8), resolvemos então testar a frequência dessas realizações na comunidade de fala do sertão alagoano. Para isso, realizamos uma rodada a parte no programa computacional GoldVarb X e obtivemos os seguintes resultados, conforme observado no gráfico 2.

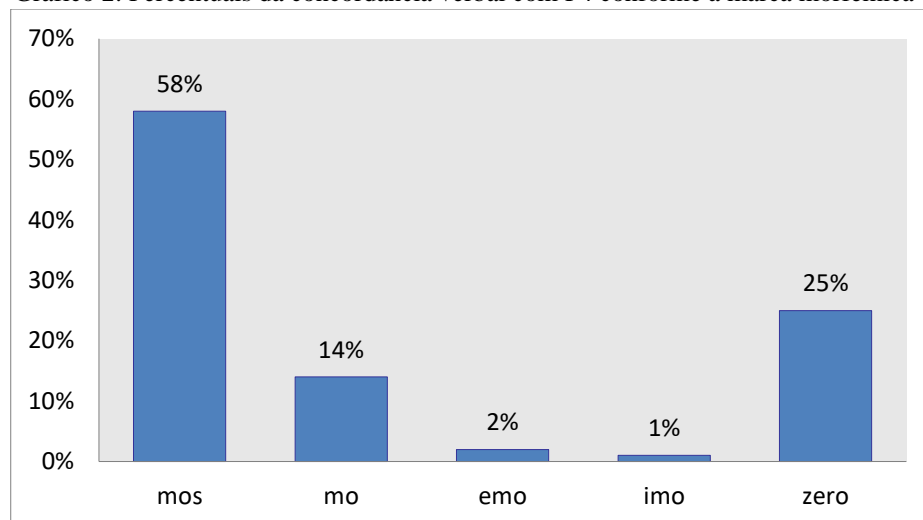
(6) - eu morava no Cansanção, aí casei - aí fiquei sete ano. - depois meu marido comprô um pedacinho de terra no xxx, aí vinnemo embora pra lá - aí passemos uns

tempo, aí passô o canal, aí nós vinhemo embora pra qui - tá com quatro ano que nós **tamo** morano aqui no Morera. L82

(7) - Ø **dancemo** muito forró (risos), passei três dia lá, nesse tempo nesse dia cheguei com três dia. L66

(8) - a aliás, eu comecei ni ni delmiro - fazê a consulta ni delmiro com o dotô de de paulo afonso – aí, eu sei que ele foi encaminhô mode eu ir pra pra paulo afonso - fazê o retorno - aí quando eu fui, aí eu sei que ele indicô mode fazê fazê pago né - aí "adepois" nós resolvimo - pagá pra o dotô francisco - aí o dotô francisco foi - e perguntô se eu tinha condiçõe de pagá a consulta, aí eu disse que num tinha pagá a cirugia, eu disse que num tinha, aí ele foi e falô que que: - mandô ir olhá se eu conseguia - aí eu fui olhá se conseguia, aí consegui fazê pelo sus - aí graças a deus eu fiz a cirugia e tô bem. L52

Gráfico 2: Percentuais da concordância verbal com P4 conforme a marca morfêmica



Fonte: elaborado pelo autor

Conforme os percentuais apresentados acima, percebemos que, mesmo as 196 ocorrências de concordância verbal com P4 sendo distribuídas entre os alomorfes e morfema zero, podemos observar que a variante padrão *-mos* continua sendo bastante produtiva na comunidade aqui estudada, com percentual de 58% de uso.

Considerando o resultado total de 75% de aplicação da regra de concordância verbal com P4 no sertão de Alagoas, apresentamos a seguir os fatores linguísticos e

sociais que condicionam tal realização. Dos cinco grupos de fatores controlados para analisar as ocorrências das variantes *nós + 1PP* e *nós + 3PS* na concordância verbal na fala dos sertanejos alagoanos, três foram considerados estatisticamente significativos pelo programa computacional GoldVarb X, por ordem de relevância, são eles: escolaridade, saliência fônica e explicitude do sujeito.

Escolaridade

A escolaridade foi a primeira variável estatisticamente significativa selecionada pelo programa GoldVarb X para analisar as realizações das variantes *nós + 1PP* e *nós + 3PS*. Pelo fato da escola atuar como preservadora das formas de prestígio social, de modo que “incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e escrever” (VOTRE, 2012, p.51), gerando, assim, mudanças na fala e na escrita daqueles que a frequentam. Dessa forma, em nossa pesquisa partimos do pressuposto de que a variante será mais frequente na fala de pessoas que possuem maior nível de escolarização.

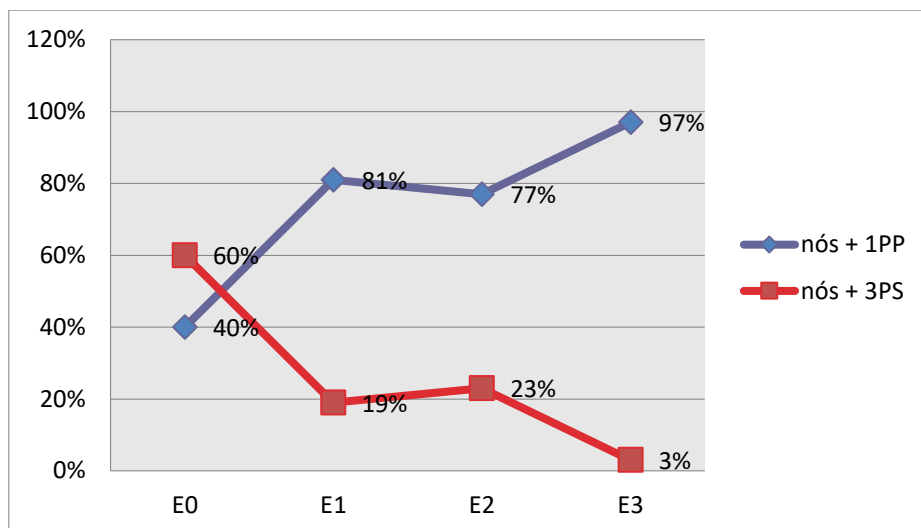
Sendo assim, ao selecionarmos a variável escolaridade, buscamos analisar os seguintes fatores: analfabeto, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Os resultados obtidos estão apresentados na tabela 4 e no gráfico 3.

Tabela 4: Realizações de *nós+1PP* e *nós+3PS* em relação à escolaridade

Fatores	Nós+1PP			Nós+3PS		
	Total/Oc.	Perc.	Pr.	Total/Oc.	Perc.	Pr.
Analfabeto	45/18	40%	.9	45/27	60%	.91
Ensino Fundamental	36/29	81%	.57	36/7	19%	.43
Ensino Médio	57/44	77%	.46	57/13	23%	.54
Ensino Superior	58/56	97%	.87	58/2	3%	.13

Fonte: elaborado pelo autor

Gráfico 3: Percentuais *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme a escolaridade



Fonte: elaborado pelo autor

A partir dos dados obtidos, podemos observar que a variante *nós + 3PS* é mais utilizada por informantes não escolarizados, pois, apresenta 27 realizações que correspondem a um percentual de 60% e com peso relativo de .91. O fator ensino fundamental apresenta 7 realizações, com frequência de 19% e com .43 de peso relativo. Quanto ao fator ensino médio, observamos que favorece mais o uso de *nós + 3PS* em relação ao ensino fundamental, uma vez que apresenta 13 realizações, peso relativo .54 e percentual de 23%. Já os informantes com ensino superior apresentaram somente 2 realizações da variante não padrão, isso representa frequência de 3% e peso relativo .13.

Em relação a variante *nós + 1PP*, o fator analfabeto apresenta 18 realizações desta variante, tendo um percentual de 40% e peso relativo de .9. Para o ensino fundamental, verificamos 29 realizações com frequência de 81% e .57 de peso relativo. Verificamos também que assim como na variante *nós + 3PS*, na variante *nós + 1PP* os informantes de ensino médio apresentam 44 realizações da forma padrão, com peso relativo de .46 e percentual de 77%, no entanto, o uso desta variante nesse fator é menor que o do fator ensino fundamental. Quanto ao ensino superior, constatamos que esse fator é o que mais favorece o uso da variante *nós + 1PP*, uma vez que apresenta 56 realizações, com frequência de 97% e com .87 de peso relativo.

A partir destes resultados, observamos em nossa pesquisa que, de forma geral, a variante *nós + 3PS* é mais utilizada no sertão alagoano pelos sertanejos analfabetos, com percentual de 60%. Já a variante *nós + 1PP*, é a preferida entre os informantes que possuem ensino superior, apresentando percentual de 97% de frequência.

Estes resultados vão ao encontro das pesquisas sociolinguísticas, que demonstram que falantes menos escolarizados usam menos concordância, e à medida que o nível de escolaridade aumenta, aumenta também a frequência de uso da variante padrão, sendo assim, segundo Bortoni-Ricardo (2014, p.93) “os falantes escolarizados tendem a fazer mais concordância porque se apropriam da norma culta e não querem se sentir socialmente desprestigiados”.

Saliência fônica

A saliência fônica foi a segunda variável estatisticamente significativa selecionada pelo programa. Desenvolvido por Lemle e Naro (1977), esta variável tem sido fator importante para explicar a variação na concordância verbal, uma vez que, dependendo da saliência fônica do verbo, pode ocorrer mudança completa no radical da palavra quanto à marca de plural. Assim, o princípio da saliência fônica segundo Antonino e Bandeira (2011):

Consiste na ideia de que entre duas formas niveladas que se opõem, é mais provável a permanência dessa oposição quando há, entre elas, uma diferenciação fônica acentuada. Contrariamente, quando há uma menor distinção, existe uma tendência a neutralizar-se a oposição e prevalecer o uso de apenas uma das formas (ANTONINO, BANDEIRA, 2011, p.172).

Partindo desse pressuposto, para análise desta variável, selecionamos dois fatores, a saber, formas mais salientes, isto é, quando há diferença fônica acentuada, conforme exemplos (9) e (10), e formas menos salientes, quando a diferença fônica é quase imperceptível entre singular e plural, conforme podemos observar nos exemplos (11) e (12). Os resultados obtidos estão apresentados na tabela 5 e no gráfico 4.

(9) – bom, hoje nós temos o maió índice de violência do Brasil né? - isso não é bom num estado tão pequeno como Alagoas, não não não é rico de fato, como o Brasil oferece muitos recurso, Alagoas está abaxo da média que nós merecemos – **Ø somos** o segundo maió exportadô de cana do do estado se do do Brasil, se eu não mim engano, e o açúcar em Alagoas é mais caro do que em ôto estado pô exemplo - eu como trabalho eu preciso de açúcar, em Pernambuco eu estive

recentemente, e lá é mais barato o açúcar, então, eu não entendo essas coisas - esses impostos alto. L 9.

(10) – não, na verdade fizemos uma excursão, eu e alguns amigos - conhecidos meus de: Salvadô Aracajú – **Ø fomos** é até lá - é foi organizado esse passeio - passamos dois dias lá. L12.

(11) – teve, teve a a morte de um cidadão no campo de futebol que é um mistério, até hoje num sabe o que aconteceu, porque foi? como foi? – **Ø temos** também a mote de ôtro rapaz no povoado Tabela que também é um mistério - foi matado à pedradas, quem foi x ninguém sabe - tendeu? então isso são coisas que -- são lamentáveis, mais que infelizmente - acontece no nosso município. L9.

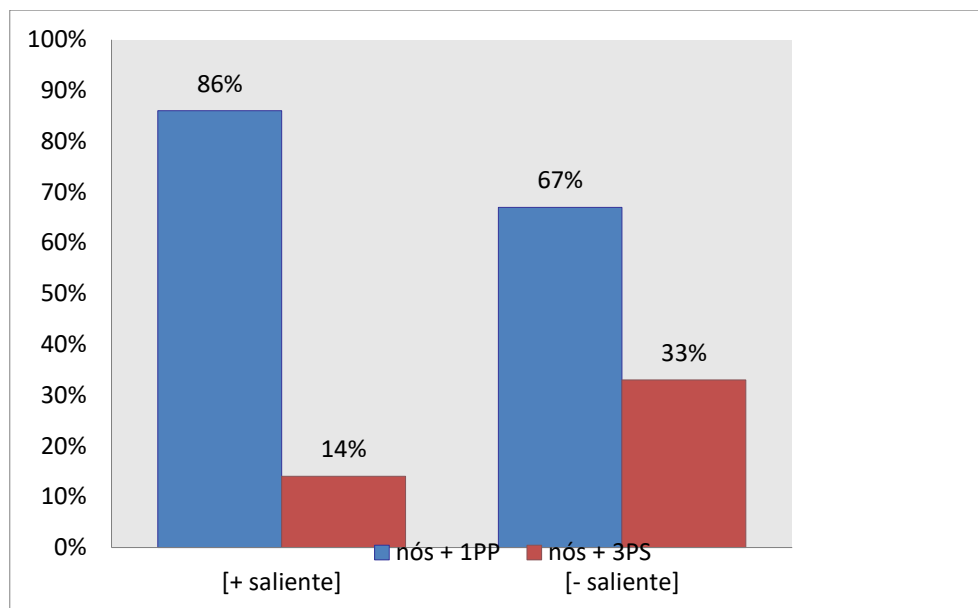
(12) - ele – mandô, mandava recado pra eu e - **nós ia** assim pra uma casa e conversava, aí depois - fiquemo junto. L49.

Tabela 5: Realizações de nós+1PP e nós+3PS conforme a saliência fônica

Fatores	Nós+1PP			Nós+3PS		
	Total/Oc	Perc.	Pr.	Total/OC	Perc.	Pr.
+ Saliente	80/69	86%	.73	80/11	14%	.27
- Saliente	116/78	67%	.34	116/38	33%	.66

Fonte: elaborada pelo autor

Gráfico 4: Percentuais de nós+1PP e nós+3PS conforme a saliência fônica



Fonte: elaborado pelo autor

De acordo com os resultados obtidos, observamos que, em relação ao uso da variante *nós + 3PS*, o fator menos saliente apresenta 38 realizações, com percentual de 33% e peso relativo de .66, o que desfavorece a aplicação da concordância com P4. Quanto ao fator mais saliente, verificamos 11 realizações com frequência de 14% e peso relativo de .27. Em relação a variante *nós + 1PP*, obtivemos 78 realizações para o fator menos saliente, com frequência de 67% e .34 de peso relativo. Para o fator mais saliente, foram constatadas 69 realizações com peso relativo de .73 e percentual de 86%.

Assim, a partir destes dados, verificamos que a respeito da variável saliência fônica, na comunidade de fala do sertão de Alagoas, a concordância verbal com P4 possui maior frequência quando as formas são mais salientes apresentando percentual de 86%. Dessa forma, os resultados obtidos em nosso trabalho a respeito desta variável vão ao encontro dos estudos realizados por Naro, Gorsky e Fernandes (1999) e Antonino e Bandeira (2011), comprovando que quando a saliência fônica entre as formas verbais é maior há o favorecimento da marcação de plural e quando as formas são menos salientes tendem a favorecer a não concordância.

Explicitude do sujeito

A terceira variável estatisticamente significativa selecionada pelo programa computacional GoldVarb X foi a explicitude do sujeito. Esta variável diz respeito à forma como o sujeito pode ocorrer. Sendo assim, para análise desta variável selecionamos dois fatores: sujeito explícito, quando ocorre a realização do sujeito, ou seja, do pronome *nós*, conforme exemplo (13) e sujeito nulo, chamado também de implícito ou desinencial, identificado a partir da desinência número-pessoal, como podemos observar em (14). Os resultados obtidos estão apresentados na tabela 6 e no gráfico 5.

(13) – bem, a questão da onda de violência no nosso estado assim como em outros estados, nós não podemos atribuí a questão do desemprego - porque a gente sabe muito bem qui tem muita gente empregada aí e anda fazendo violência - é: /mas, mais/ ,o qui falta mesmo é uma infraestrutura voltada para o esporte, para o lazê, em que consiga ocupá a menti das pessoas para qui eles não transforme essa sua menti, porque **nós sabemos** qui menti parada é um verdadeiro é uma verdadeira oficina de criminalidade. L46.

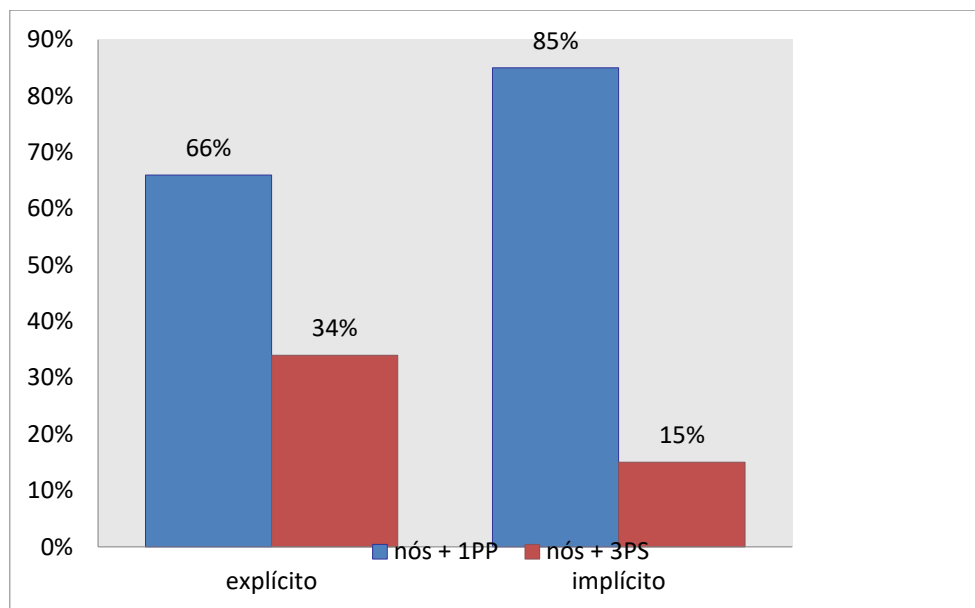
(14) - pro sertão em si, com certeza né? é o devê de todos os político – Ø esperamos isso - pelo meno o mínimo que seja. L42

Tabela 6: Realização de nós+1PP e nós+3PS conforme a explicitude do sujeito

Fatores	Nós+1PP			Nós+3PS		
	Total/Oc	Perc.	Pr.	Total/Oc.	Perc.	Pr.
Explícito	99/65	66%	.37	99/34	34%	.63
Implícito	97/82	85%	.64	97/15	15%	.36

Fonte: elaborado pelo autor

Gráfico 5: Percentuais de nós+1PP e nós+3PS conforme a explicitude do sujeito



Fonte: elaborado pelo autor

Ao analisarmos a tabela 6, verificamos que, na fala dos sertanejos alagoanos, é o fator sujeito implícito quem mais favorece o uso de *nós + 1PP*, uma vez que apresenta 82 realizações com peso relativo de .64 e frequência de 85%, ultrapassando, desta forma, o fator explícito que apresenta 65 realizações com frequência de 66% e peso relativo de .37.

Em relação a variante *nós + 3PS*, verificamos, para o fator sujeito explícito 34 ocorrências com peso relativo de .63 e frequência de 34%. Quanto ao fator sujeito implícito, observamos nesta variante somente 15 realizações que corresponde a uma frequência de 15% e peso relativo de .36.

De acordo com os resultados obtidos, podemos observar que o fator sujeito implícito apresenta 85% de frequência e .64 de peso relativo. Segundo Rúbio (2014), isto acontece “devido à ausência do sujeito formal na oração do verbo, que torna a desinência verbal não redundante”. Assim, esse favorecimento por parte do sujeito nulo na aplicação da concordância pode segundo Almeida (2006)

está associado a um princípio funcional, no sentido de que existe a necessidade de resgatar a informação de número e de pessoa através da presença da desinência, uma vez que o sujeito apagado não cumpre esse papel (ALMEIDA, 2006, p.106).

Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos os resultados de um estudo sobre a concordância verbal com o pronome nós no sertão de Alagoas, utilizando amostra do banco de dados do projeto LUSA. Para tanto, recorremos à sociolinguística variacionista proposta por Labov (2008).

Uma das primeiras constatações relevantes para o nosso estudo diz respeito ao resultado geral, pois, a partir da análise estatística dos dados, verificamos que, no sertão alagoano, há a variação na concordância verbal com P4, uma vez que os resultados mostram uma frequência de 75% de realizações de *nós + IPP* e um percentual de 25% de realizações da variante *nós + 3PS*. Esses resultados não só confirmam a nossa hipótese de que há variação na concordância verbal com a forma pronominal *nós* na fala dos sertanejos alagoanos, como também nos mostram a partir dos percentuais – 75% versus 25%, que a alta frequência de concordância na amostra analisada dar-se em razão do fenômeno aqui estudado ser a forma selecionada na norma culta e a forma *nós + 3PS* tender a apresentar estigma social nas variedades brasileiras, fazendo com que haja resistência por parte dos falantes em usar a variante *nós + 3PS*.

De acordo com os estudos sociolinguísticos, a variação não acontece de forma aleatória, mas motivada por grupo de fatores linguísticos e extralinguísticos. Sendo assim, para a variação *nós + IPP* e *nós + 3PS*, as variáveis linguísticas e sociais selecionadas pelo programa computacional GoldVarb X foram: escolaridade, saliência fônica e explicitude do sujeito, consideradas estatisticamente significativas.

A escolaridade foi a primeira variável selecionada pelo programa GoldVarb X como estatisticamente significativa. Os resultados para esta variável nos mostraram que a variante *nós + IPP* apresenta maior frequência para os fatores ensino fundamental e médio, no entanto, é no nível superior que ocorre o maior percentual de realizações desta variante com percentual de 97% e peso relativo de .87. Já a variante *nós + 3PS*, apresentou maior frequência na fala de informantes analfabetos. Esses dados nos levam a perceber que a escolarização tende a favorecer a forma socialmente prestigiada, ou seja, *nós + IPP*, indo ao encontro dos estudos sociolinguísticos, de que quanto maior o grau de escolaridade mais frequente será a realização de concordância com a forma padrão.

A segunda variável selecionada pelo programa como estatisticamente significativa foi a saliência fônica. A partir dos resultados obtidos, verificamos que a variante *nós + IPP* apresenta maior frequência quando as formas verbais são mais salientes, com percentual de 86% e .73 de peso relativo. Sendo assim, percebemos que nossos resultados seguem a proposta de Lemle e Naro (1977), de que quando a saliência fônica entre os verbos é maior há o favorecimento da marca de plural.

Quanto à explicitude do sujeito, foi selecionada como terceira variável estatisticamente significativa pelo programa. Os resultados para esta variável mostram que o sujeito explícito favorece o uso da variante *nós + IPP* com 66% de frequência, porém, o sujeito implícito apresenta percentual e peso relativo maior que correspondem respectivamente a 85% e .64 .

Considerando o que foi apresentado, foi essa delimitação que desejamos atingir no decorrer deste estudo ao buscarmos respostas para questões formuladas inicialmente. Sendo assim, ao mapearmos as realizações de concordância verbal com P4 na amostra do projeto Lusa e analisarmos as variações existentes, verificando quais fatores linguísticos e sociais condicionam o processo de variação, encontramos respostas que fizeram com que nossos objetivos traçados fossem contemplados, bem como nossas hipóteses fossem todas confirmadas.

Dessa forma, diferente do que pregam as gramáticas normativas, verificamos a partir da nossa pesquisa que, na fala dos sertanejos alagoanos, a concordância verbal com P4 não pode ser definida como regra categórica, mas sim como um comportamento variável. Sendo assim, esperamos que o nosso estudo tenha contribuído para o entendimento de como acontece o processo de variação da concordância verbal com o pronome nós no sertão de Alagoas, e, desse modo, possa, junto com outros estudos, contribuir para o entendimento dos fenômenos variáveis do português brasileiro.

Referências

ALMEIDA, Alessandra Preussler de. **A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca , RS.** Porto Alegre, 2006.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa.** 46 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ANTONINO, V. BANDERA, M. **Nós, a gente e a concordância em uma comunidade afro-brasileira isolada**. Pápiá, São Paulo, n.21, v.1, p. 159-176,2011.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; SOUSA, Rosineide Magalhães de; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas; MACHADO, Veruska Ribeiro. **Por que a Escola Não Ensina Gramática Assim?** Parábola Editorial, 2014.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998b.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção morfológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2015.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. **Sociolinguística**. Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LUCCHESI, D. ; BAXTER, A., and SILVA, J.A.A. **A concordância verbal**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MOLLICA, C.; BRAGA, M. L.. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

NARO. Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

PAIVA. Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

RUBIO, CÁSSIO FLORÊNCIO. Decisões metodológicas no estudo de fenômenos variáveis de primeira pessoa do plural. **XVII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA** (ALFAL 2014). João Pessoa - Paraíba, Brasil.

SANKOFF, David.; TAGLIAMONTE, Sali.; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Departamento f Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, Renata Livia de Araújo; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Uma rodada no GOLDVARB X. In: COSTA, Januacele Francisca da; SANTOS, Renata Livia de Araújo; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. (Orgs.). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011. p. 43-62.

SCHERRE, M.P; NARO, A. J. . **Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul**. São Paulo: Contexto, 2010.

TARALLO, Fernando Luiz. **Pesquisa Sociolingüística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório. **A língua usada no sertão alagoano: constituição da amostra**. Trabalho apresentado no III Estudos em Linguagem do Sertão. Delmiro Gouveia, jun. 2017.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

ZILLES, A.M.S.; MAYA, L., SILVA, K. **A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre**, v. 42, n. 2, 2007, p.27-44.